

MARVEL



MACKENZI
LEE

LOKI

ONDE MORA A TRAPAÇA

EXCELSIOR
BOOK ONE

MARVEL

MACKENZI
LEE

LOKI

ONDE MORA A TRAPAÇA

São Paulo
2019

EXCELSIOR
BOOK ONE

MARVEL

Loki: Where Mischief Lies

© 2019 MARVEL – All rights reserved.

Tradução 2019 by Book One

Todos os direitos de tradução reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Primeira edição Marvel Press: setembro de 2019

MARVEL PRESS

ARTE ORIGINAL DE CAPA **Stephanie Hans**

DESIGN ORIGINAL DE CAPA **Kurt Hartman**

EXCELSIOR – BOOK ONE

TRADUÇÃO **Felipe CF Vieira**

PREPARAÇÃO **Fernanda Castro**

REVISÃO **Tássia Carvalho e Tainá Fabrin**

ARTE, CAPA E

DIAGRAMAÇÃO **Francine C. Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

L516L Lee, Mackenzie

Loki / Mackenzie Lee; tradução de Felipe CF Vieira. – São Paulo: Excelsior, 2019.

408 p.

ISBN: 978-65-80448-04-3

Título original: *Loki: where mischief lies*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Vieira, Felipe CF

19-1931

CDD 813.6

*Para Becca, uma força implacável
para o bem em meu universo*



PARTE UM





Capítulo Um

O Banquete Real de Gullveig, assim como todos os banquetes asgardianos, era agradável para aqueles que gostavam de ouvir longos discursos, trocar amenidades fúteis e levar pisões no pé, pois o Grande Salão estava sempre cheio demais e ninguém sabia como andar usando saltos.

Loki estava convencido de que todos odiavam aqueles banquetes, mas ninguém se atrevia a admitir para não parecer ter mente pequena. Tendo muita confiança no tamanho de sua mente – grande – e em sua proeza para usar salto, ele confortavelmente admitia:

– Odeio dias de banquete.

Ao seu lado na fila de anfitriões, Thor não perdeu o sorriso diplomático que vinha treinando para ocasiões oficiais como aquela. Ele apenas fraquejou quando Loki havia sugerido que mostrar tanto os dentes apenas deixava óbvio que havia algo preso no meio deles, e

Thor os cutucou com a língua por vários minutos – os lábios expandindo de um jeito grotesco que fez vários cortesãos desviarem do caminho – antes de perceber que não havia nada ali.

– Banquetes são dias importantes – Thor disse. – Eles estabelecem a competência nos líderes asgardianos entre nossa corte.

– *Confiança* – Loki corrigiu.

O sorriso não titubeou, mas as sobrancelhas de Thor se juntaram.

– O quê?

– Eu decorei a mesma frase – Loki respondeu. – É *confiança*.

– E o que foi que eu disse?

– Você... deixa pra lá. – Loki abriu seu próprio sorriso exagerado, erguendo a voz para que Thor pudesse ouvi-lo acima dos músicos que tocavam uma alegre melodia popular. – Você falou perfeitamente.

Thor ajustou a argola dourada em sua testa. Gotas de suor começavam a se formar, e o adorno escorregava sobre suas sobrancelhas. Também haviam oferecido uma argola a Loki – sua mãe havia selecionado uma de prata entrelaçada, com pequenas joias encrustadas. Mas, embora Loki amasse poucas coisas tanto quanto amava um pouco de brilho, ele optara por um visual mais sofisticado e discreto, que a argola teria arruinado completamente. Ele podia não gostar de banquetes, mas conseguia ficar bonito para eles. As botas o faziam sentir vontade de galopar no meio do salão – pretas, acima dos joelhos e com saltos tão longos e finos

quanto as adagas que levava nas mangas. Seu casaco tinha um colarinho alto e listras verdes nos ombros, e ele vestia calças folgadas da mesma cor. Amora dissera que o verde fazia seus olhos parecerem joias, mas ele tomava cuidado para não usar demais a cor. Melhor não deixar Amora pensando que aceitara seu conselho tão seriamente. Ela podia estar sempre certa, mas não precisava saber disso.

Loki olhou para a fila de dignitários, passando a vista por Thor e Frigga em sua túnica prateada esvoaçante. Com as mãos escondidas sob as mangas, ela sorria e assentia para uma mulher asgardiana que se atrapalhava em um elogio sobre como o cabelo da rainha parecia adorável com suas mechas cinza. Do outro lado, estavam os embaixadores de Varinheim e Ringsfjord, conversando com suas cabeças inclinadas em direção à Rainha Jolena, que por sua vez pedia quase aos berros que eles falassem mais alto. Depois deles, Karnilla, a Rainha dos Norns e feiticeira real de Odin, portava-se como um soldado, as tranças negras entrelaçadas e enroladas em uma presilha dourada com uma pedra púrpura, logo acima das sobancelhas. Seu rosto não mostrava expressão – no tempo em que ela esteve na corte, Loki nunca a viu usar qualquer expressão além de uma carranca obediente. Uma de suas mãos de dedos compridos tocava o ombro de Amora, como se tivesse certeza de que a aprendiz fugiria se não houvesse alguém para segurá-la.

E isso não era totalmente impossível.

Amora deixava transparecer seu tédio de modo muito mais óbvio do que Loki achava que ela deveria. Muito mais entediada do que ele conseguiria, caso desejasse se safar sem levar um sermão de seu pai. Ela até podia ganhar um de Karnilla também, mas Amora parecia se importar menos sobre o que sua professora pensava a respeito das opiniões de Odin do que Loki. Ele gostaria de poder não se importar, não sentir como se tudo que fizesse de certo ou errado fosse anotado em uma coluna correspondente e arquivado para o dia em que Odin nomearia ou ele ou Thor como herdeiro da coroa asgardiana. Seria tão mais fácil se houvesse apenas um deles – Amora era a única aluna que Karnilla havia tomado e a única usuária de magia em Asgard poderosa o bastante para vestir o manto de feiticeira real e Rainha dos Norns. O poder de Amora a tornava desejável; o poder de Loki fazia com que ele sentisse a necessidade de mantê-lo escondido.

Ninguém queria um feiticeiro como rei. Os reis de Asgard eram guerreiros. Exibiam seus longos cabelos dourados e suas armaduras polidas e suas cicatrizes de batalha como acessórios de ostentação. *Ah, essa coisa velha? É apenas uma recordação de um Sakaaran trapaceiro que foi tolo o bastante para testar sua força contra a minha.*

Amora conseguiu se livrar de Karnilla por tempo suficiente para apanhar um cálice da bandeja de um servo da cozinha que passava por ali, e Loki observou quando ela passou um dedo sobre a superfície e levantou uma pequena gota. O líquido pairou no ar, a alguns centímetros de sua palma, até Karnilla aparecer

e tomar sua mão, desfazendo o feitiço. Amora revirou os olhos e, então, talvez sentindo a longa contemplação de Loki, olhou ao redor. Eles se encararam, e ela lhe ofereceu seu famoso sorriso torto e maroto. Loki sentiu suas orelhas esquentando e quase desviou os olhos, como se isso fosse negar o fato de que ela o flagrara espiando. Em vez disso, ele ofereceu de volta um abrir de olhos exagerado, e ela respondeu imitando o ato de enforçar-se.

Ele riu. Thor o censurou, e depois seguiu seu olhar, mas Amora já havia se endireitado novamente, sorrindo ao lado de Karnilla para um cortesão que havia se aproximado. Ela parecia se empenhar bastante em deixar seu sorriso o mais forçado possível – tanto quanto Thor se empenhava para fazer o seu parecer sincero –, mas estava sorrindo, então ninguém poderia acusá-la de manter uma disposição contrária.

A desaprovação de Thor aumentou, franzindo tanto suas sobrancelhas que a argola afundou ainda mais em seu rosto, e ele teve que empurrá-la para cima antes de se virar para a frente, bufando como se imitasse seu pai.

Quando Loki olhou para Amora outra vez, ela fez um gesto sutil para os azulejos do chão e ergueu as sobrancelhas.

Loki hesitou. Lançar os pequenos feitiços que ela lhe havia ensinado em algum jantar ou na sala de aula era uma coisa, mas fazer isso em um evento oficial era outra bem diferente. Seria inofensivo – transformar em cor-de-rosa os azulejos do Grande Salão foi ideia dele, afinal de contas. Mas havia sugerido como uma piada,

querendo impressioná-la pela audácia da ideia e pelo uso criativo da feitiçaria, sem precisar realmente executar o plano.

Mas Amora precisava fazer tudo até o fim. Tudo o que podia ser tentado precisava ser, independentemente das consequências. E sempre havia consequências, fosse um tapa atrás da cabeça por algum tutor sem paciência ou uma convocação até a sala de Karnilla.

Amora fazia tudo e não se importava com nada.

Loki sentiu uma pontada de inveja por sua coragem – a maneira como ela parecia não sentir qualquer vergonha quando Odin ou Karnilla a repreendiam. Seu próprio coração sempre se retorcia, por mais alto que erguesse o queixo em desafio. Por mais que se achasse inocente. Uma vez, ainda garoto, Loki usara sua magia para extinguir todas as luzes do palácio ao mesmo tempo. Ficara confuso quanto Odin não se mostrou encantado e orgulhoso como esperava, mas sim tão enraivecido que Loki temera que o pai fosse lhe bater. Em vez disso, Loki fora enviado para seus aposentos, para se sentar isolado, tentando lidar com uma vergonha que ele não entendia até sua mãe finalmente aparecer e explicar que seria melhor não usar a magia que vibrava por seus ossos, e que ele se dedicasse a virar um guerreiro como seu irmão. Seria melhor, ela dissera, para seu futuro. Ela falara aquilo gentilmente – era a única maneira que sua mãe falava –, mas a humilhação daquele momento nunca se separou de cada feitiço que ele lançava.

Embora tivesse praticado pouca feitiçaria até a chegada de Amora na corte. Ele tentara se tornar um

guerreiro, tentara correr mais rápido e treinar mais forte, aprender a levar um golpe sem cambalear. Todas as coisas que Thor parecia fazer sem esforço, as habilidades que eles ouviram ser as mais adequadas para um futuro rei de Asgard; enquanto o único talento de Loki parecia ser transformar a bebida no cálice de seu irmão em lesmas quando ele começava a beber e depois de volta em vinho quando ele cuspiu.

Não era a melhor estratégia para lidar com emoções, mas era a *sua* estratégia.

O truque das lesmas foi o que primeiro chamou a atenção de Amora. Quando Thor cuspiu sua bebida na mesa, Odin o repreendera por sua falta de educação na frente das convidadas, a Rainha dos Norns, Karnilla, e sua aprendiz, Amora, em sua primeira noite no palácio de Asgard. Enquanto Thor insistia sem parar, dizendo que havia lesmas, que houvera lesmas, que estava certo de ter visto lesmas, o olhar de Loki seguira pela mesa até Amora sem saber por quê, apenas para descobrir que ela já o observava. Os cantos de sua boca haviam se curvado para cima ao redor do garfo. Mas então ela desviou os olhos, e ele voltara a encarar seu ensopado.

Dissera a si mesmo que as lesmas eram para se vingar de seu irmão por tê-lo nocauteado no treino da manhã apesar de ter prometido não fazer isso – uma promessa rapidamente esquecida assim que Thor percebeu que Sif os observava. Não era porque Amora era uma feiticeira – a primeira usuária de magia que ele encontrara com exceção de sua mãe, cujo uso da magia era sempre pequeno e controlado. *Magia da hora do chá*, como Loki

começara a pensar. Frigga sempre se esforçara para manter seus poderes longe da vista, e encorajava Loki a fazer o mesmo. Mas Amora tinha permissão para não se esconder e até para se exibir como parte do treinamento para sua futura posição na corte. Não era porque seus longos cabelos tinham cor de mel, e ela os usava ao redor da cabeça em uma volta interminável, que se parecia com cobras entrelaçadas. Não era por causa de seu corpo esguio ou daquele sorriso torto.

O que você esperava? Ele se repreendera enquanto cutucava um pedaço de carne, olhando-o boiar na superfície grossa e oleosa. *Que ela fosse ficar animada por ter encontrado outro usuário de magia em Asgard?* Um feiticeiro que nunca teve lições sobre como controlar seus poderes, significando que geralmente escapavam em truques desajeitados e pouco elegantes que ele tentava ensinar a si mesmo?

Mas as lesmas até que foram engraçadas.

Seu olhar seguira novamente para Amora, mas os olhos escuros dela – negros, com exceção de algumas finas listras verde-esmeralda que se expandiam como relâmpagos em uma tempestade ácida – estavam sobre Karnilla. Enquanto ouvia Karnilla e Odin discutirem sobre a tutela que Amora receberia na corte antes do Banquete de Gullveig e como isso a prepararia para seu futuro papel como braço direito de um dos filhos de Odin, Loki se sentira pequeno e estranho novamente, indigno de ser notado por alguém que ele pensara ser sua semelhante.

Mas, ao final do jantar, quando terminou seu vinho, ele encontrara um pequeno caramujo no fundo, contorcendo-se lentamente. Então erguera os olhos, mas Amora já havia se retirado, deixando-o com aquele pequeno e nojento cartão de visita.

– O truque da lesma é esperto – ela disse mais tarde, quando Loki a encontrou na biblioteca do palácio, encolhida sob uma das janelas circulares com vista para os jardins. A mulher tinha uma pilha de livros a seus pés que, ele tinha certeza, ela selecionara apenas para efeito estético. – Mas e se você esperasse para transformar a bebida apenas quando ele já estivesse engolindo? É muito mais horrível engolir um monte de lesmas do que cuspir uma na mesa, você não acha?

Loki não pensara naquilo. Também não tinha certeza se possuía controle suficiente sobre os próprios poderes mágicos para sincronizar um feitiço tão perfeitamente.

Quando ele não disse nada, os olhos de Amora se ergueram da página do livro aberto em seu colo, e Loki teve certeza de que ela sabia o quanto aquele estilo desinteressado caía bem nela. Amora havia soltado as tranças e a inclinação do queixo fazia seus cabelos caírem perfeitamente em cascata sobre seus ombros, como um tapete desenrolado ante os pés de um rei visitante.

– Quem ensinou você a fazer aquilo? – ela perguntou.

– Ninguém – ele respondeu. Loki havia aperfeiçoado seus talentos sozinho, o que tornava o entendimento dos próprios poderes rudimentar e grosseiro e frustrantemente tênue. Ele sentia o poço dentro de si, sentia a

profundidade e a força da água, mas não encontrava uma maneira de acessar esse poder.

– Eu não sabia que o filho de Odin era um feiticeiro – ela disse.

– Há uma razão para isso. – Ele queria sentar-se ao seu lado, mas isso parecia presunçoso demais: seria muita audácia pensar que era interessante o bastante para ela querer tê-lo por perto. Então, Loki escolheu encostar-se casualmente em uma das prateleiras, que notou a meio caminho estar mais longe do que pensava. – Os asgardianos não querem que seus príncipes sejam feiticeiros. Não é o tipo de poder que eles valorizam.

Amora o encarou por um momento, depois dobrou o cantinho da página antes de fechar o livro, um gesto que pareceu uma rebelião em miniatura tão poderosa que fez Loki querer dobrar todas as páginas de todos os livros na biblioteca de seu pai.

– Odin não contratou alguém para lhe ensinar? – ela perguntou. – Ou a sua mãe? Ela é uma feiticeira.

– Não – ele disse, certo de que tinha afundado alguns centímetros no tapete. – Quer dizer, sim, ela é. Mas meu pai não quer que eu estude magia.

– Porque ele tem medo de você.

Loki não segurou uma risada diante da ideia de que Odin, forte como um touro e tão paciente quanto um, tivesse medo do próprio filho, especialmente do filho menor e magricela.

– Ele não tem medo de mim. Ele só quer que eu seja o melhor candidato ao trono que eu puder ser, então ele me faz treinar junto aos soldados.

Agora foi a vez de Amora rir.

– Isso é como manter um navio de guerra em águas rasas. Que desperdício. – Ela acariciou a lombada do livro, avaliando Loki. Ela parecia ser feita de fumaça pela maneira como seu corpo seguia as curvas do peitoril da janela. Amora havia chutado seus sapatos para longe e seus dedos dos pés agora se curvavam sobre a pedra fria.

– Você não é um soldado – ela disse. – Você é um feiticeiro. E alguém precisa ensiná-lo a ser um.

– Alguém precisa – ele respondeu.

Ela lhe ofereceu um sorriso, um que parecia uma adaga saindo lentamente da bainha, aquele perigoso raspar de metal no momento que antecede um ataque. Então ela abriu o livro no colo outra vez, e o coração de Loki afundou, pensando que ele era opaco demais, fechado demais, frio demais, todas as coisas que seu irmão não era, coisas que seus tutores diziam para que não fosse, coisas que serviam de provocação para os outros estudantes do acampamento de guerreiros.

Mas então ela tirou o pé do assento ao seu lado e disse:

– Você não vai se sentar?

E ele se sentou.

Isso fora há meses. Meses em que Loki e Amora haviam se tornado uma dupla inseparável sobre a qual os servos sussurravam e os cortesãos desaprovavam. Mesmo agora, no Grande Salão em meio ao banquete, Loki sentia os olhares sobre ele, tentando determinar se sua parceria com a teimosa aprendiz de Karnilla o havia alterado de alguma maneira.

Acima dele, as velas tremiam nos candelabros em forma de barco que forravam o Grande Salão, dançando junto ao revestimento dourado das paredes. O formato do teto sempre o lembrara da parte de dentro de um instrumento, curvado e inclinado em lugares específicos para amplificar o som e fazer qualquer reunião parecer maior e mais impressionante. Loki espiou os azulejos sob seus pés, pretos com listras douradas, formando as raízes intrincadas que se juntavam para formar a Yggdrasil na base da grande escadaria. Quando olhou para Amora outra vez, ela piscou os cílios exageradamente e pressionou as mãos juntas em súplica, e então ele soube que tocara fogo no saguão e sairia correndo pelado se ela pedisse.

– O que você está tramando? – Thor murmurou ao seu lado.

– Tramando? – Loki repetiu, abrindo seu melhor sorriso para afugentar um cortesão que se aproximava deles. – Eu nunca tramo nada.

Thor riu.

– Ora, por favor.

– Por favor, o quê? Por favor, trame algo? – Thor pisou no pé de Loki, e este mordeu a língua para impedir um grito de dor. – Cuidado, eu amo essas botas mais do que amo você.

Thor olhou para a fila outra vez, para onde Amora exibia mais uma expressão exageradamente inocente. Thor não gostava dela tanto quanto Loki. Ele se juntara à dupla em algumas escapadas ao redor do palácio, mas sempre andando arrastado, olhando por cima do

ombro para ter certeza de que não seriam flagrados, e repetindo tantos “Acho que a gente não devia fazer isso” que Amora sugerira que eles lhe cobrassem uma multa a cada repetição. Eventualmente, ele parou de se juntar aos dois, e Loki achou isso ótimo. Ele não queria compartilhar Amora com o irmão. Não queria compartilhá-la com ninguém. Ela era toda sua de uma maneira que ninguém nunca fora. Ninguém nunca quisera ser. E era bom ver Thor se sentindo excluído das conversas para variar.

Thor nunca oferecera uma opinião direta sobre Amora. Ninguém oferecera – eles apenas sussurravam por trás de suas costas igual faziam sempre com Loki. Imprevisível demais, forte demais, não deveria ter saído de Nornheim, mesmo se o rei e sua feiticeira pensassem que a estrutura e a rigidez da corte fossem dobrar o temperamento forte que ela possuía.

De repente, três estrondos interromperam o burburinho ao redor do salão. Os músicos silenciaram e os cortesãos giraram na direção do topo da grande escadaria. Loki virou junto com os outros oficiais do reino e ergueu os olhos para onde estava Odin, vestindo sua túnica vermelha oficial e empunhando Gungnir, sua lança. A barba estava presa com fios dourados e, sobre a testa, havia uma argola no mesmo estilo do ornamento de Thor. Loki sentiu uma pontada de arrependimento. Talvez devesse ter usado a sua também, mesmo não combinando com o restante de sua roupa.

– Asgardianos! – Odin bradou, sua voz ecoando no teto curvado e alcançando com facilidade todo o salão.

– Amigos, visitantes, distintos convidados de todos os Nove Reinos, vocês nos honram com sua presença aqui, em nosso sagrado Banquete de Gullveig.

Loki ouvira variações desse discurso a cada banquete desde que era garoto. Era notável quantos guerreiros heroicos Asgard decidira homenagear com seus próprios banquetes, e, embora a comida sempre fosse boa, nunca valia a pena ter que participar daquela constrangedora recepção, receber tapinhas nas costas dos cortesãos e depois aguentar o discurso enfadonho de seu pai sobre algum homem loiro, de bíceps avantajado e uma insaciável sede pelo sangue dos inimigos de Asgard.

Mas o Banquete de Gullveig era diferente de um modo substancial.

– Hoje – Odin continuou, passando um dedo sobre o tapa-olho que lhe cobria o buraco vazio do olho direito enquanto relanceava ao redor – celebramos o dia do rei e guerreiro que, há cem séculos, juntou a geada de Niflheim no Cerco de Muspelheim e forjou o Espelho do Olho de Deus. Esse mesmo espelho foi trazido do cofre real e, com a força e o poder de nossa feiticeira real de Nornheim, irá nos conceder uma visão da década vindoura e das ameaças que Asgard poderá enfrentar. É assim que mantemos nosso domínio seguro ante ameaças vindas de todos os Nove Reinos, e do próprio Ragnarok. O Espelho do Olho de Deus não dá respostas e não dá certezas. Seu olho abre apenas por este único dia a cada década, mas são as visões que ele revela que nos ajudam a manter Asgard blindada e forte por séculos. Ao final do banquete de hoje, vou me consultar

com meus generais e conselheiros, e então decidiremos as melhores estratégias para a futura prosperidade de nosso povo.

Loki aprendera sobre tudo aquilo com seus professores de história em preparação para o banquete – o primeiro do qual se lembrava em que o Espelho do Olho de Deus fora trazido, e Karnilla viera para manejar seu poder –, mas mesmo assim ele ficou na ponta dos pés para olhar melhor quando a cortina atrás de seu pai foi puxada pelos dois soldados Einherjar.

O Espelho do Olho de Deus era uma superfície de pedra negra e brilhante – um perfeito quadrado envolvido por uma moldura dourada com ramos de ouro esculpido em cada canto. Loki já o vira antes, quando Odin levou seus dois filhos até o cofre no subsolo do palácio e explicou a eles o poder de cada objeto mantido ali e o esforço que fizera para manter seu povo seguro daquelas coisas. Mas ali, longe das paredes negras e da luz fraca do cofre, e não mais cercado pelos muitos artefatos que Odin capturara para impedir o fim do mundo, o Espelho parecia mais imponente. Mais poderoso. Ele ficava de pé sobre si mesmo, sem precisar de suporte algum. O saguão, que já estava silencioso, pareceu mergulhar em uma quietude ainda mais absoluta.

Karnilla havia subido as escadas, e, quando Odin estendeu a mão para ela, os dois caminharam juntos até o Espelho. Ele tomou seu lugar de um lado, e ela tomou o outro, suas palmas pressionadas contra a superfície. Odin passou a lança Gungnir para um dos Einherjar, e depois se voltou para seu povo novamente, os braços estendidos.

– Rumo a mais uma década de paz e prosperidade em nosso grande reino!

Loki sentiu algo roçar em seu ombro, e então a voz de Amora surgiu em seu ouvido.

– Então, vamos mudar os azulejos agora, enquanto seu pai está ocupado, ou queremos ter certeza de que todos vejam o quanto a cor magenta não combina com suas túnicas?

A resposta de Loki foi interrompida por um estalo de energia no topo das escadas. Ele sentiu os cabelos em seu pescoço se arrepiarem, o ar repentinamente quente e pesado como o prelúdio de uma tempestade de raios. Um feixe de luz branca e errática apareceu no teto do Grande Salão. Os cortesãos reunidos prenderam o fôlego, mas, de seu lugar na frente do Espelho e ao lado de Odin, Karnilla ergueu a mão, e a luz voou até seu punho, acumulando-se ao redor dela como um ciclone. Loki sentiu sua boca abrir, maravilhado diante da elegância, do controle, da maneira como a magia se movia através do ar, respondendo ao chamado da feiticeira.

Ele sentiu Amora cutucando suas costas.

– Loki.

Karnilla abriu a mão e a pressionou sobre a superfície negra. Os ramos nos cantos do Espelho brilharam, as linhas de cada runa se acendendo com tanta intensidade que, por um momento, pareciam pegar fogo. A superfície ondulou como um lago atingido por uma pedra, e o olho de Odin embranqueceu, as imagens do futuro de Asgard cintilando na superfície do Espelho apenas para ele.

– Parece que você não está me ouvindo – Amora disse, com os lábios tão perto do ouvido de Loki que desta vez ele sentiu sua respiração.

– Silêncio – Thor sussurrou ao lado de Loki.

Amora se virou para ele.

– Ah, desculpe, estou interrompendo algo importante?

Outro raio de luz dançando pelo teto voou até a mão de Karnilla.

– Mostre um pouco de respeito – Thor a repreendeu entre dentes.

– Tem alguma coisa de desrespeitosa na minha fala?

– Amora respondeu.

– Sim. O fato de estar falando.

Loki sentiu uma repentina mão gentil em seu ombro e virou-se quando sua mãe apareceu entre ele e Amora, seu olhar ainda fixo sobre Odin no topo da grande escadaria.

– Já chega – ela falou discretamente. Loki quis protestar sobre ele ser o único a *não* estar falando no meio daquela cerimônia importante. Mas Frigga apertou seu ombro, e ele engoliu as palavras.

Outro relâmpago saltou da mão de Karnilla para a superfície do Espelho, mas aquele era diferente. Loki sentiu uma mudança no ar, uma alteração na magia que o fez estremecer. Sua mãe devia ter sentido também – sua mão tremeu no ombro de Loki. Odin deu um passo abrupto para trás, afastando-se do Espelho, erguendo uma das mãos como se tentasse empurrar alguma coisa para longe. Então um grito audível escapou de seus lábios. Do outro lado, Karnilla parou, a mão

ainda erguida no ar com os fios de luz branca circulando ao redor.

Então, Odin se afastou do Espelho, quebrando o feitiço. A magia sumiu de seu único olho, deixando para trás sua íris negra inundada de pânico. Ele cambaleou até se apoiar no corrimão. Os cortesãos ofegaram ao mesmo tempo. Um dos Einherjar se aproximou de Odin, mas o rei o afastou, apanhando de volta sua lança e começando a descer as escadas com pouca firmeza nos pés. Ele tentava se recompor, mas parecia fragilizado. Karnilla deixou o feitiço morrer em seus dedos, a luz se extinguindo, antes de sair de trás do Espelho e começar a descer o lado oposto da escadaria em direção a Odin.

– Continuem com o banquete – Odin instruiu ao capitão na base da escadaria. – Em breve voltarei. – Ele parou e virou o olho, primeiro para Thor, e depois para Loki, o olhar pesado e cheio de significado de uma maneira que fez Loki gelar. Ele repentinamente teve certeza de que, qualquer que fosse a visão que o pai tivera, os dois estavam envolvidos.

Odin passou a mão sobre a barba, depois fez um movimento com os dedos na direção de Frigga, pedindo que ela o seguisse.

– Minha rainha.

Loki sentiu o toque de sua mãe deixar seu ombro quando ela começou a seguir Odin, com Karnilla e seus sentinelas logo atrás. As portas do Grande Salão se fecharam com força e o barulho encheu novamente o espaço, desta vez com um tom de ansiedade.

De cada lado de Loki, Amora e Thor ficaram em silêncio, olhando na direção de Odin. Todos os pensamentos sobre azulejos rosados mudando de cor sob os pés da corte evaporaram. Em vez disso, Loki sentiu um frio surgindo no estômago, um que ele não podia explicar ou afastar. Ele nunca vira medo daquele jeito no rosto de seu pai. Se é que havia sido mesmo medo. A expressão pareceu tão estranha que não era possível reconhecer.

– O que aconteceu? – Thor finalmente perguntou.

– Acho que a questão é – Amora respondeu –: o que foi que ele viu?

A PERGUNTA QUE NOS ASSOMBRA HÁ SÉCULOS: PODEMOS MUDAR NOSSO DESTINO?

Muito antes de encarar os Vingadores frente a frente, um Loki mais jovem está desesperado para provar seu heroísmo e sua capacidade, enquanto todos ao redor parecem esperar dele apenas vilania e depravação... exceto por Amora. A aprendiz de feiticeira de Asgard parece ser sua alma gêmea – alguém que valoriza a magia e a sabedoria, que pode até enxergar o melhor que existe dentro de Loki.

Mas quando Loki e Amora causam a destruição de um dos objetos mais valiosos de Asgard, Amora é banida para a Terra, onde seus poderes vão lentamente minguar até desaparecer. Sem a única pessoa que olhava para sua magia como um dom e não como uma ameaça, Loki mergulha cada vez mais na angústia e na sombra de seu universalmente adorado irmão, Thor.

Quando a magia asgardiana é relacionada a uma série de assassinatos na Terra, Odin envia Loki para investigar. Ao se materializar na Londres do século XIX, Loki embarca em uma jornada que o leva para algo maior do que apenas uma suspeita de assassinato, colocando-o no caminho para descobrir a fonte de seu poder – e quem ele está destinado a se tornar.

ISBN 978-65-80448-04-3



9 786580 448043

© 2019 MARVEL

MARVEL

EXCELSIOR
BOOK ONE